

SABER TRADICIONAL E MANEJO DE PAISAGENS AGROFLORESTAIS: O CASO DOS QUINTAIS DE TERRA-FIRME DA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AMANÃ, AMAZONAS.

Kayo J. C. Pereira¹; Raimundo S. Reis²; Elizabeth A. Veasey³

INTRODUÇÃO - A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA, 02°42'26''S; 64°45'02''W), é uma importante unidade de conservação situada na porção central do estado do Amazonas, ocupando um território de mais de dois milhões de hectares. Nela residem aproximadamente 2000 pessoas, dispostas em 24 comunidades. São populações tradicionais não indígenas tipicamente ribeirinhas (caboclos amazônicos), que tem na agricultura a principal atividade econômica, seguida pela pesca, e em escala bem menor, o extrativismo.

Os principais sistemas de produção da RDSA são o *roçado*, cultivado com culturas anuais, principalmente mandioca, e os *sítios*, onde são cultivadas as espécies perenes, principalmente frutíferas e madeiras, em um consórcio aleatório e multiestratificado. Os sítios podem se situar próximo às casas dos agricultores ou em locais mais distantes, ocupando antigas áreas de roçado. Quando estes são localizados mais próximos às casas, constituem, dentro da denominação científica, típicos *pomares caseiros*, ou *quintais agroflorestais*. Os quintais diferem dos sítios convencionais, por apresentarem maior diversidade de espécies, e manejo mais intenso, assumindo enorme importância tanto para a produção de alimentos e remédios, bem como para a aclimação de novas espécies, conservação e evolução da agrobiodiversidade. Os quintais extrapolam o conceito de unidades de produção, uma vez que são verdadeiros espaços sociais, onde ocorrem relações de trabalho e convivência, assumindo também um papel na dinâmica dos modos de vida das comunidades locais.

Dada sua importância, e acrescido o fato dos sistemas de produção em questão estarem em uma unidade de conservação e serem elaborados e manejados por populações tradicionais, possuidores de inestimável história e conhecimento sobre as relações com o ambiente ao redor, os quintais da RDSA carecem ser mais bem pesquisados, tendo em vista a necessidade de se obter informações para o manejo sustentável e participativo das paisagens agroflorestais da região. Dentro desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo caracterizar, a partir dos pressupostos da análise sistêmica (metodologia de sistemas agrários) e da pesquisa etnográfica, os quintais agroflorestais de terra firme da RDSA, visando obter subsídios para a reflexão coletiva (que envolve agricultores, técnicos e gestores públicos) e ações de manejo participativo.

MATERIAL E MÉTODOS - O trabalho foi realizado no período transcorrido entre julho e novembro de 2002. Foram pesquisados 12 quintais, em três comunidades de terra firme da

RDSA (Boa Esperança, Boa Vista do Calafate e Bom Jesus do Baré), o que corresponde a 100% dos quintais de terra firme existentes nestas comunidades. Foram feitos levantamentos da composição florística, medições de área, bem como realizadas entrevistas semi-estruturadas com as famílias de agricultores, visando obter esclarecimentos sobre as práticas de manejo e aspectos sócio-econômicos e culturais. Utilizou-se também a metodologia da observação participante, história de vida e história oral.

RESULTADOS E DISCUSSÃO - Os quintais pesquisados têm em média de 10 a 15 anos de existência. A área média de cada quintal é de 1112 m², e a mão-de-obra média utilizada é de 3,8 pessoas por unidade de produção.

A organização do espaço nas áreas de quintais da RDSA segue em geral uma mesma lógica para todas as unidades visitadas, que divide a área em duas: uma mais próxima às casas, com manejo mais intenso, capinas freqüentes e solo mantido praticamente “no limpo”, denominada localmente como *terreiro*, e a outra restante, que ocupa a maior porção do espaço, onde se situa a maior parte das plantas, e o manejo é menos intenso, que é o *sítio* propriamente dito. Os terreiros assumem vital importância no sistema de produção, por servirem como local de produção e aclimação de mudas, e por abrigarem a maior parte das plantas herbáceas (hortaliças folhosas, medicinais e condimentares), geralmente dispostas em *jirais*, canteiros suspensos dispostos a aproximadamente 1,5 metros do solo, utilizados para proteger as plantas contra ataques de animais, que são criados na mesma área dos quintais. Estas áreas exercem também função de área de lazer e descanso para crianças e adultos; local de beneficiamento de produtos (onde ficam toda a estrutura e utensílios para fabricação de farinha) e ponto de apoio à execução de atividades domésticas, tais como preparo de alimentos, e secagem de roupas. Nos terreiros o espaçamento das plantas é maior, o que torna estas áreas mais arejadas e iluminadas. No restante do terreno, ou seja, na área que se denomina como *sítio*, a densidade de plantas é maior, e como o dossel é mais denso, ocorre menor entrada de luz e maior deposição de liteira. O manejo também é bem menos intenso, sendo feitas limpezas (com auxílio de facão ou terçado) duas ou três vezes por ano, geralmente mantendo a cobertura morta. Não foram encontrados registros de podas regulares, havendo apenas eliminação de indivíduos ou partes de indivíduos doentes em caso de necessidade.

No que diz respeito à composição florística, os quintais amostrados apresentaram considerável diversidade de espécies, utilizadas para diversos fins, e dispostas em um arranjo espacial e temporal supostamente aleatório. Foram identificadas em todos os quintais 115 espécies de plantas diferentes, distribuídas em 52 famílias, num total de 1441 plantas. Destas, 37 (32,47% do total) são utilizadas exclusivamente para alimentação, 34 (29,08%)

como remédio, 8 (6,9%) como ornamental, e 1 (0,9%), como utensílio doméstico. As outras 35 (30,4%), são de uso múltiplo. Quarenta e oito espécies (41,7%) possuem porte do tipo arbóreo, 18 (15,6%), arbustivo, e 49 (42,7%), herbáceo. As famílias com maior representação em termos de espécies são *Arecaceae*, com 8 espécies (6,84%), *Sterculiaceae*, 6 (15,13%), e *Rutaceae*, *Euphorbiaceae* e *Labiatae*, com 5 espécies cada (4,27%). As espécies mais freqüentes nos quintais são o cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), o jambo (*Eugenia jambo*) e a goiaba (*Psidium guajava*), que estão presentes em quase todas as unidades amostradas (92% do total). Em seguida vem a bacaba (*Oenocarpus bacaba*), com 82% de freqüência, a pupunha (*Bactris gasipaes*), o açaí do mato (*Euterpe precatoria*) e a manga (*Mangifera indica*), verificadas em 75% das áreas. Quanto ao número de indivíduos por quintal, as espécies mais plantadas são o açaí do mato (12,2% do total de indivíduos), abacate (*Persea americana*), com 7,8%, cupuaçu (6,8%), bacaba (5,9%), limão (*Citrus latifolia*) (5,4%) e pupunha (5,3%). De todas as plantas verificadas, em todos os quintais, cerca de 62,24% se encontravam em fase de produção. Esse número variou entre 56,85% na comunidade Boa Esperança, e 70,04%, na comunidade do Baré. Isto indica que, embora haja variação entre comunidades, a renovação dos quintais é freqüente, revelando o caráter dinâmico destes sistemas de produção.

A origem do material genético que compõe os quintais da RDSA é diversa. Na maioria dos casos, as sementes e mudas são da própria comunidade, ou de comunidades vizinhas, advindas de sistemas de troca. Em outros, são trazidas de outros municípios do Amazonas, como Coari e Codajás, tradicionais fornecedores de mudas de açaí. Há também a coleta de material genético direto da floresta, que é aclimatado nos quintais. Estas relações de intercâmbio se mostraram mais intensas nas comunidades Boa Esperança e Calafate.

No que diz respeito às variações entre comunidades, a área média dos quintais da comunidade Boa Esperança é de 1336,6 m², do Calafate, 1369,7 m² e do Baré, 631,33 m². O emprego de mão-de-obra na Boa Esperança ficou na média de 3,8 pessoas por quintal, no Calafate 3,7 e no Baré, duas pessoas. A comunidade Boa Esperança foi a que apresentou maior número de espécies, 73, levando em consideração todos os quintais. Em seguida veio o Calafate, com 66, e o Baré, com 34. No que diz respeito ao número de espécies por quintal, a comunidade Calafate apresentou uma média de 35,25 espécies, seguida da Boa Esperança, com 30, e o Baré, com 17,3. Quanto ao número de indivíduos, o plantio é mais intenso na comunidade Boa Esperança, onde se planta em média 140,6 indivíduos por quintal. No Calafate, a média é de 119,7, e no Baré, 53,3. Nas comunidades Boa Esperança e Calafate, são comercializados produtos produzidos nos quintais, principalmente cupuaçu,

pupunha, abacate e açaí. Na comunidade do Baré a comercialização é praticamente inexistente.

Os resultados obtidos comprovam a importância dos quintais como banco de germoplasma *in situ*, abrigo de uma grande variedade de espécies exóticas e nativas; como fornecedor de alimentos e remédios; como empregador de mão-de-obra; e também como espaço de produção, lazer, integração e relações sociais nas comunidades.

Dentre os quintais pesquisados, embora o estudo tenha sido realizado em uma mesma unidade de conservação, abrangendo um mesmo ecossistema (terra-firme), em comunidades relativamente próximas umas das outras, foram constatadas sensíveis diferenças entre elas. Estas diferenças se dão tanto pela forma de manejo, quanto pela composição florística, bem como pela integração com o mercado. Isto significa que políticas de apoio à produção em comunidades rurais amazônicas devem levar em conta estas diferenças. Em geral, os projetos comunitários pressupõem uma homogeneidade entre elas, por se tratar de uma mesma região ou ecossistema. O efeito é que na maioria dos casos, os projetos não conseguem alcançar os resultados necessários para a resolução dos problemas concretos dos locais. Em outros, mais extremos, estes projetos não chegam nem mesmo a ser implementados. Este estudo comprova a necessidade de uma abordagem que leve em conta as peculiaridades locais.

Todas estas informações confirmam a necessidade da intensificação de atividades de pesquisa e educação, envolvendo este tema. Os quintais são importantes componentes para o manejo participativo das paisagens agrofloreais da RDSA. Ações de promoção agroecológica, como pesquisa participativa e troca de experiências entre diferentes comunidades podem ser excelentes aditivos para a discussão coletiva e implementação de ações concretas não só na RDSA, mas em toda a Amazônia.

AGRADECIMENTOS - Os autores agradecem a todos os moradores da RDSA, principalmente das comunidades Boa Esperança, Calafate e Baré pelo carinho, recepção e apoio nos trabalhos de campo; a Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo fornecimento de bolsa de estudos; e ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), pelo apoio financeiro e operacional que viabilizou a realização desta pesquisa.

HOMENAGEM PÓSTUMA - A companheira Silvia Amélia Wandalsen Roenick, que dedicou toda sua energia e juventude à causa do campesinato brasileiro.